

ARLE
NO

D
A
P
K
G
E
R
O

ALTO Ruído DA DARK G E R O

plus+
editora

ESTE LIVRO CONTÉM GATILHOS SOBRE TRANSTORNOS
PSICOLÓGICOS, ABUSO SEXUAL E VIOLÊNCIA.

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2020

Copyright © Dark Gero, 2014

*Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.*

DIREÇÃO EDITORIAL
Giovanna Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Jadna Alana

PREPARAÇÃO
Renata Maggesi

REVISÃO
Jadna Alana

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Gero, Dark

Arlequim / Dark Gero. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2020

ISBN: 978-65-87068-24-4

1. Ficção brasileira 2. Thriller Psicológico I. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

Para Aline Raquel, minha esposa,
e Giovanna, minha filha.
As mulheres da minha vida.

“Find what you love and let it kill you.”

Bukowski (?)

PRIMEIRA PARTE

O IRREVERSÍVEL VOO DO PÁSSARO AZUL

UM

O ônibus estava lotado como sempre, mas desta vez Samuel havia conseguido um lugar para se sentar, e ao lado da janela. Não era todo dia que ele tinha essa sorte; geralmente disputava espaço em pé, enquanto era empurrado toda vez que algum passageiro desesperado avançava em direção à porta, temendo perder sua parada. Dessa vez estava ali, cabeça encostada no vidro da janela, fones de ouvido ao máximo com uma música melancólica de sua *playlist* do Radiohead. Ignorava o barulho. São Paulo era um formigueiro inquieto, Samuel era uma formiga deslocada. Seus olhos passeavam pelas pessoas nas ruas, algumas caminhando apressadas, outras nas paradas com semblantes preocupados ou indiferentes, tragando seus cigarros como fábricas ambulantes de fumaça. Vez ou outra Samuel se perguntava o que se passava em suas cabeças. Questionava-se se tinham o mesmo tipo de vida que ele, ou se eram felizes.

Às vezes, só às vezes, Samuel se considerava feliz. Isso quando comparava sua vida com a de pessoas que não tinham o que comer ou que tinham algum tipo de deficiência ou limitação. Ele era saudável, jovem, no auge dos seus dezenove anos, morava em um apartamento, estava em um curso superior... O que tinha para reclamar?

O mundo parecia insuportavelmente repetitivo. Dias que começavam e eram praticamente iguais, ciclos que eram refeitos a todo instante sem o menor significado.

A verdade é que poucas coisas o faziam se sentir próximo do que poderia considerar felicidade: jogar videogame, assistir a seriados, fil-

mes e pornografia trancado em seu quarto. Aquele era seu mundo intocável, o único lugar onde escapava do seu estado de tédio permanente.

Mas ainda faltavam alguns minutos para chegar ao seu mundo. Por enquanto estava no ônibus lotado. Olhou para a esquerda, para as pessoas se espremendo suadas, todas aparente e justificavelmente de mau humor. Uma jovem se equilibrava com uma mão segurando a barra do teto, e com a outra livros e um caderno. A mulher sentada ao lado de Samuel dormia de boca aberta, totalmente ausente da realidade; ele estendeu a mão para a jovem em pé, que com um sorriso lhe entregou os livros para que pusesse no colo, sussurrando um inaudível “obrigada”.

Então recostou novamente a cabeça no vidro da janela.



Enquanto caminhava do ponto de ônibus em direção ao prédio onde morava, a mochila pesada nas costas e os polegares presos às alças, Samuel continuava a analisar as pessoas. Passou por um senhor de idade, na casa dos setenta, sentado na calçada de sua casa; o velho se acomodava ali todos os dias e observava os carros e as pessoas. Toda vez que cruzava com ele, Samuel se perguntava o que se passava em sua cabeça, se ele revivia as memórias do que havia feito ou se lamentava pelo que não. Talvez o ancião estivesse apenas esperando o dia acabar, e era exatamente o que Samuel queria, que chegasse logo o fim de semana.

Mas ainda era quarta...

Daniel, seu irmão, não havia chegado em casa até o momento. Samuel apenas bebeu um copo com água antes de ir se trancar em seu quarto. Jogou a mochila sobre a cama e se deitou sobre ela com as pernas para fora. Tinha trabalhos da faculdade para fazer, mas não estava com o mínimo saco pra eles; pensou em tentar um dos seus jogos de PlayStation 3, mas não sentiu vontade de jogar nenhum dos que tinha; pensou em ler ou assistir a um vídeo, ou talvez a algum dos episódios das mais de dezoito séries que acompanhava, mas estava sem ânimo para tudo isso. Reviu mais de uma vez suas opções de entretenimento,

mas nenhuma conseguia chamar sua atenção. Ligou o PC, acessou um site de pornografia, foi até o banheiro, masturbou-se no vaso e voltou ao quarto. Ficou procurando sites diversos para passar o tempo, mas tudo parecia desinteressante. Desligou o PC e voltou a se deitar.

Samuel havia se acostumado com o tédio, mas algumas vezes parecia puramente insuportável, como estava sendo naquele momento. Era um vazio incompreensível que se apossava de sua alma e impedia que qualquer coisa tivesse algum sentido para ele. Parecia algo patológico, similar à depressão, exceto pelo fato de que o que ele sentia não era tristeza, nem tinha motivos aparentes para isso. Era apenas tédio. Só queria que o dia acabasse logo, que a quinta e a sexta deixassem o sábado vir o quanto antes. Não que tivesse algo para fazer, mas pelo menos mais um ciclo seria completado, uma semana a menos.

– Merda de vida.

Ouviu o barulho na sala; Daniel havia chegado.

– Sam?

– Oi.

– Jantou alguma coisa?

– Ainda não.

– Trouxe lasanha, quer?

Em vez de responder, Samuel se levantou e saiu do quarto. Daniel estava retirando a gravata, sentado à mesa da cozinha. Era seu irmão mais velho, e também o único. Único tudo, única família. O micro-ondas estava ligado.

– Trouxe de carne, sua preferida.

– Valeu.

Samuel se sentou à mesa.

– Como vai a faculdade?

– Bem. O de sempre.

O micro-ondas apitou.

– Pronto. Eu coloco pra gente.

Daniel se levantou e dispôs a lasanha em dois pratos.

Comeram por um instante em silêncio. Daniel, analisando o irmão caçula, como se procurasse alguma coisa para puxar assunto.

— Como foi lá no escritório? — Foi Samuel quem perguntou, quase automaticamente, para quebrar o gelo.

Daniel era formado em Direito, mas trabalhava no Ministério Público, fruto de um concurso que havia prestado. O dinheiro que ganhava era suficiente para sustentar o irmão e todas as despesas da casa. Daniel fazia questão de que Samuel apenas estudasse.

— Chato como sempre. Estou pensando seriamente em fazer o teste da OAB e tratar de advogar.

— Seria uma boa.

— É.

Mais algumas garfadas em silêncio.

— Entediado de novo, Sam?

— Muito.

Daniel sorriu.

— Por que não joga videogame?

— Sem vontade de fazer nada. É horrível.

— Isso se chama ócio.

— Ócio?

— Meu trabalho é chato, mas nunca fico entediado porque tenho sempre algo pra fazer.

— Eu tenho o que fazer, só não tenho vontade.

— Tenta fazer algo diferente, sair da rotina.

— Estava pensando em traficar.

Daniel riu.

— Vida perigosa não combina contigo.

— Esse é o problema.

— Como assim?

— Minha vida. É monótona demais. Nada acontece.

— Falta de mulher.

Samuel enrubesceu.

— Nada a ver.

— Claro que tem a ver. Se você se apaixonar, duvido que fique entediado. Vai preencher o tempo ocioso criando poesias.

— Não tenho sorte com as mulheres.

— O azar é um pretexto pra justificar nossa incompetência.

— Valeu por me lembrar que sou um incompetente.

— Não se chateia. O que te falta é malícia, gafanhoto.

— Fácil falar. Você é descolado, bom de papo. Eu morro de medo de levar um toco.

— Rejeição faz parte da vida.

— Eu só não quero passar pela mesma coisa de novo.

— Seu medo não é rejeição. — Daniel sorriu ternamente. — Talvez *também* seja, mas o que mais te apavora é se decepcionar de novo, não é?

O passado era mesmo um fantasma que sempre voltava a assombrar.

— Não tem nada a ver com a Renata.

— Tem certeza?

Samuel odiava ser transparente, previsível, mas, ainda mais, odiava o fato de o irmão estar certo.

— Basta de decepções.

— O segredo é não criar expectativas. Todo mundo pode nos decepcionar um dia.

— Até você?

— Até eu. Não sou perfeito, gafanhoto.

— Se quiser trocar de vida comigo, eu topo.

Daniel riu.

— Você ainda é ingênuo demais. Ainda é virgem, não é?

Samuel ruborizou. Daniel se divertiu ao vê-lo encabulado.

— Não é da sua conta.

— Como não? Sou seu irmão, tem que falar dessas coisas comigo.

— Não quero falar desse assunto.

— Relaxa, Sam. Se for virgem, não é nem um pouco vergonhoso. Só toma cuidado para não acabar se envolvendo com qualquer uma. Usa sempre camisinha.

Samuel resolveu não comentar nada para deixar o assunto embaraçoso morrer.

— Eu lavo. — Dizendo isso, pegou os dois pratos para lavar.

Enquanto o fazia, Daniel enchia um copo com água.

— Devia sair mais com seus amigos.

— Não gosto de sair com eles.

— Nem gosta de ficar em casa. Saindo pelo menos corre o risco de se divertir, conhecer novas pessoas...

— É, pode ser.

Alguns minutos depois, Samuel voltava para seu quarto, seu mundinho. Agora, pelo menos, estava pensativo; seu irmão tinha esse poder sobre ele. O celular tocou. Era Elias, seu melhor amigo.

— E aí, babaca!

— Fala, aborto malsucedido. Interrompi a punheta ou você continua com a outra mão?

— Estou batendo uma e olhando pra foto da sua mãe.

— Deve estar olhando pra revista de macho suado se comendo.

— Fala, porra.

— Vamos sair com a galera no sábado?

— Pra onde?

— Confia em mim?

— Claro que não.

Elias riu.

— É uma surpresa minha pra você.

Samuel pensou um pouco no que o irmão havia lhe dito. Embora as saídas com Elias e seus outros amigos fossem sempre desconfortá-

veis para ele, já que nunca se encaixava nas festas — não sabia dançar e era um desastre na paquera —, dessa vez estava inclinado a aceitar.

— Beleza — disse por fim.

— Te pego às nove.

— Me pega é o caralho!

— Teu sonho, né, enrustido?

Desligou.



A quinta-feira havia sido um CTRL C + CTRL V da quarta, e da terça anterior, e da segunda antes dela. Acordar cedo, pegar ônibus lotado para ir à faculdade, assistir à aula em dois turnos, voltar para casa de ônibus lotado, procurar algo para fazer e faltar ânimo. Todos os jogos lhe pareciam enfadonhos, repetitivos, enjoativos. Ao pensar em um filme para assistir, logo imaginava como ele seria e isso o desestimulava. Acabou optando por assistir à TV. O jornal falava de uma jovem que havia se suicidado, e, segundo amigos e familiares, ela não apresentava qualquer motivo. Um especialista explanou que algumas pessoas têm tendência natural ao suicídio. Na mesma reportagem, transeuntes davam sua opinião sobre alguém tirar a própria vida; uma senhora disse que era falta de Deus no coração.

Samuel desligou a TV e ficou olhando para o teto branco. Concluiu que tinha tantos motivos para se matar quantos tinha para continuar vivo. Cinquenta/cinquenta, zero/zero. Mas suicídio para ele não era uma coisa absurda.

Na sexta, durante a aula, ficou rabiscando uma figura enforcada.

Às vezes, Samuel fantasiava situações. Em algumas delas ele era um herói, em outras, um mártir. Imaginava, por exemplo, algum psicopata armado entrando em sua sala e metralhando todo mundo até ele encontrar um jeito de avançar sobre o sujeito e desarmá-lo. Quando estava afim de alguma garota, imaginava-se a salvando de alguma

situação de risco para impressioná-la. Já havia imaginado que salvava uma criança enquanto era filmado e assim se tornava famoso por seu ato heroico; tinha até o discurso em mente. Também fantasiava escapar de assaltos, sempre com alguém assistindo para espalhar seu feito.

Mas nada disso jamais havia acontecido. Nem iria acontecer.

Ao terminar o desenho do enforcado, percebeu que o rabisco tinha seus traços. Era ele morto ali.



Pegou novamente o ônibus lotado, dessa vez sem sorte, em pé, tendo de administrar o espaço vertical que tinha para si e sua mochila enorme. Em vez de Radiohead o que lhe amparava era Sigur Rós, também com os fones de ouvido ao máximo.

Jogou até tarde.

Daniel ligou avisando que chegaria de madrugada, tinha um encontro. *Sorte a dele*, pensou. Quantas vezes havia ligado para dizer a mesma coisa?

Em sua cama, olhando para o teto branco, ficou se perguntando quem sentiria sua falta caso se suicidasse. Entristeceu-se ao se dar conta de que pouquíssimas pessoas — o irmão, com certeza, os amigos mais próximos, especialmente Elias — fariam dele por uma semana, talvez menos. E então o esquecimento.

Essa conclusão depressiva deu fim aos seus devaneios sobre suicídio.

Antes de dormir, pensou nas palavras de Daniel. Talvez estivesse certo, para variar. Mas sabia que não resistiria a outro baque igual ao de Renata. Isso sim o daria coragem para acabar com tudo.